

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

**Hollywood no Pós-11 de Setembro: o papel do cinema nos governos George W. Bush
(2000-2009)¹**

Jaíne Luiza Soares

Resumo

Este artigo visa estudar o pós-ataque contra as Torres Gêmeas nos Estados Unidos em 11 de setembro de 2001 no que se refere às mudanças no âmbito midiático dos Estados Unidos provocadas por ele, tendo como foco nesse artigo a utilização dos estúdios de Hollywood como fornecedores do Soft Power legitimador da política de Guerra ao Terror do Governo George W. Bush. Também serão demonstrados neste, como o cinema hollywoodiano abordou a forma como os Estados Unidos combatiam o seu auto declarado inimigo; o terrorismo e através disso, também será abordado exemplificações dessa estratégia de combate através dos filmes “Guerra ao Terror” e “A Hora mais Escura”.

Palavras-chave: Soft Power, Guerra ao Terror, Hollywood, 11 de setembro de 2001, Administração Bush.

Abstract

This article aims to study the post September 11, 2001 regarding the changes in the United States media coverage caused by it, focusing on this article Hollywood studios as suppliers of Soft Power legitimizing the George W. Bush administration's War on Terror policy. It will also be demonstrated in this, how the Hollywood cinema approached the way the United States was fighting its self-declared enemy: the terrorism. And through this, will also be addressed exemplifications of this combat strategy through the films "War on Terror" and "The Darkest Hour"

Key-words: Soft Power; War on Terror; Hollywood; September 11, 2001; Bush Administration;

¹ Artigo apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais na Universidade Federal de Uberlândia, sob orientação do Prof. Dr. Filipe Almeida do Prado Mendonça.

1. Breve contextualização dos atentados de 11 de Setembro e da Guerra ao Terror

Em 11 de Setembro de 2001, o território norte-americano estava sendo ameaçado não por um Estado-Nação, mas por uma organização terrorista de radicais suicidas fundamentados no islamismo; a Al-Qaeda.

Em setembro de 2001, quatro aviões comerciais estadunidenses foram alvos de sequestro a mando da organização terrorista internacional Al-Qaeda². Nessa ocasião, integrantes desse grupo efetuaram ataques contra as cidades de Nova York, no World Trade Center, e em Washington, cujo alvo foi o Pentágono.

Os ataques praticados pela organização terrorista Al-Qaeda chamaram a atenção da mídia no mundo todo. A demonstração através dos meios de comunicação evidenciava os Estados Unidos como a nação ameaçada, que estava lidando com momentos de terror e pânico causados por esses eventos catastróficos que marcaram o país. As cenas de terror transmitidas para o mundo em tempo real mostravam os aviões sequestrados atingindo as torres e a imagem do World Trade Center desabando, cobrindo todo o local com uma grande nuvem cinza cheia de destroços. Ataques esses que levaram consigo mais de três mil cidadãos de várias nacionalidades e geraram uma grande comoção no mundo, principalmente em toda a população norte-americana, que ficou marcada para toda a sua história.

Os ataques foram premeditados para ocorrerem nos dois maiores símbolos americanos da época, pois, o seu significado tem grande peso no Sistema Internacional. Segundo KELLNER (2003 p.50), o World Trade Center foi um dos alvos escolhidos pela organização Al-Qaeda, já que era considerado mundialmente um símbolo importantíssimo do capitalismo. O Pentágono foi outro alvo da organização, pois, é considerado o centro principal de comando e representação da força militar e segurança dos EUA.

Durante esse contexto histórico, as produções cinematográficas passaram a abordar as medidas que estavam sendo tomadas no âmbito militar por parte do governo estadunidense contra o seu autodeclarado inimigo: o terrorismo. Desse modo, as produções hollywoodianas pós-2001 tiveram como destaque a virtude dos elementos sociais e culturais dos Estados Unidos, a fim de que tivessem um reflexo fiel de como a nação estava praticando suas ações. De acordo com Kellner (2003, p.53) a nação estadunidense viveu um tempo de drama e terror em suas maiores cidades: Nova York e Washington, ambas estavam completamente em

² Al-Qaeda: Base de “operação” ou “fundação” formada por aqueles que seguem a religião Islâmica. BURKE, Jason (2004). Al-Qaeda. Foreign Policy, p 18-26.

silêncio, voos, jogos de baseball cancelados, um dos seus maiores parques temáticos: a Disneylândia fecharam as portas diante de tal acontecimento trágico para os Estados Unidos.

O 11 de setembro de 2001 deixaram os Estados Unidos com uma demonstração de vulnerabilidade por não estar preparado para tamanha tragédia, ficou evidente a sensação de choque que a nação jamais havia sofrido anteriormente. (Barbosa, 2002, p. 76).

2. O papel do cinema estadunidense como indústria fortalecedora de "Soft Power".

Para entender melhor sobre o papel do cinema hollywoodiano como indústria fortalecedora de “soft power” é necessário ressaltar sobre o paradoxo do poder americano dentro do Sistema Internacional. Tal proposta teórica foi ressaltada por Joseph Nye (2002) e Robert Keohane (2001), tendo como fundamento principal o entendimento que, o Poder americano é compreendido pelos Estados que se relacionam com os Estados Unidos. Nye e Keohane no livro (*Power and Interdependence* pp. 728, 2001) argumentam que a interdependência se baseia em três características principais; a primeira se relaciona através dos diversos canais que conseguem fazer conexão entre as sociedades, ou seja, atores interestatais, transgovernamentais e relações transnacionais. A segunda característica da Interdependência Complexa americana relata que as ações dos atores que fazem conexão entre as sociedades não tem um padrão hierárquico da sua agenda ou seja não obrigatoriamente a questão militar por exemplo será o tema dominante na agenda de debate pois, de acordo com os autores tudo depende dos interesses que os Estados discutem nas agendas. O terceiro ponto tem como característica, a não utilização da força militar de um governo contra outro agente ou ator que participe da Interdependência Complexa.

Percebendo a abrangência das definições de poder durante as décadas, nos anos 1990 tem-se o surgimento do conceito de “soft power”. Autores, como Joseph Nye, discutiam que essa habilidade estava relacionada à maneira de se conquistar aquilo que se deseja através da atração, e não mediante a utilização da coerção ou da negociação, como, por exemplo, através da cultura, de valores e de políticas exteriores (NYE, 2005). Com o decorrer dos estudos, Nye ampliou seu conceito de “soft power” (ou poder brando), definindo-o como: “a prática de influenciar o outro de maneira coativa, induzindo e estimulando de modo positivo com o propósito de alcançar a conduta desejada” (NYE, 2001, p. 20-21, tradução nossa).

Além de Joseph Nye, vários autores destacam definições sobre o conceito de “soft power”. Um deles é Judit Trunko (2013), ao ressaltar que:

[...] é notório o elemento soft power nas concepções de recursos nacionais na qual se possibilita separar os recursos dos resultados obtidos. Dessa maneira, elementos como a política externa, a diplomacia cultural e o mercado financeiro podem ser mais bem compreendidos. Portanto, ao se estudar o soft power, fica visível a possibilidade de alternativas disponíveis para os tomadores de decisão de política externa (TRUNKOS, 2013, p. 4).

O “soft power” advém, portanto, da capacidade de atração da cultura de um país, assim como de suas políticas e seus ideais políticos. Ao conseguir ser admirado pelos seus ideais, fazendo desejarem aquilo que lhe é interessante, perde-se a necessidade de se engajar forças materiais (NYE, 2005, p. 20-21). Nesse sentido, ainda de acordo com Nye (2005), a sedução é muito mais efetiva do que a coerção. Valores como democracia, direitos humanos e oportunidades individuais são ainda mais – e profundamente – sedutores (NYE, 2005, p. 20-21). Assim, na política internacional, os recursos de “soft power” derivam, em sua maioria, dos valores expressos na cultura de um país ou da organização, dos exemplos advindos de práticas internas, das suas políticas e da maneira com que lida com os outros (NYE, 2005, p. 08).

Para Nye é necessário que tenha uma noção do que é uma influência e o que é uma sedução para que haja o entendimento de como exercer o Soft Power. Nye relata que existem maneiras de persuadir utilizando o Hard Power, seja nos âmbitos militares ou econômicos isto é, a influência não é imperiosamente uma condição de fazer com que a pessoa a ser influenciada realize o que você deseja. No entanto, a sedução que é o que define o Soft Power, faz com que a pessoa realize o que você deseja, sendo de modo intencional ou não.

O elemento “soft power” é um método importante utilizado pelas potências e por indústrias expressivas de grande relevância no mundo. Segundo Nye (2004, apud FLEMES; NOLTE, 2010, p. 4), trata-se: “da prática de alcançar o que se deseja por meio do entretenimento ou como método de troca de recompensa”. Nesse sentido, é válido acrescentar que:

O Soft Power jaz sob a capacidade de habituar as preferências das pessoas [...] somente é necessário colocar os comportamentos dos outros em pauta, o Soft Power é o poder da atração. Na verdade, a “adequação” às preferências está salientada nos recursos da nação ou em sua indústria, como cultura, normas e valores que transmitem sua política externa (NYE, 2004, apud FLEMES; NOLTE, 2010, p. 4).

Como existência real do Soft Power pode-se exemplificar através do conhecido American Way of Life que surgiu definitivamente na década de 30, que teve como resultado sua propagação em massa através dos meios de comunicação, com o intuito de demonstrar a cultura norte americana, e a música estadunidense para as mais variadas partes do mundo.

De acordo com (CULBERT, 2003, pg. 129)

O potencial do cinema estadunidense como manifestação, ou ferramenta, do poder brando possui dimensões que não podem ser ignoradas. A resposta de uma audiência e a o número da bilheteria podem ser uma evidência da habilidade de determinado filme em moldar atitudes e comportamentos. (CULBERT, 2003, pg. 129)

A cultura estadunidense, especificamente, é corrente em todo o mundo. É importante ressaltar, a esse respeito, que as produções hollywoodianas estão bastante presentes no cotidiano das pessoas. No entanto os indivíduos, frequentemente, não percebem a maneira pela qual essas produções influenciam-nos. Para o enriquecimento do poder de entretenimento norte-americano, os EUA contam com um elemento-chave: justamente as já referidas produções hollywoodianas.

É importante destacar também, de acordo com Maria do Céu Marques:

O cinema de Hollywood tem tido, voluntária ou involuntariamente, ao longo dos tempos, uma posição política ao divulgar princípios, valores e instituições americanas que acabam por influenciar o comportamento dos espectadores nacionais e estrangeiros. O desenvolvimento de novas tecnologias tem permitido a reprodução do mundo real de uma forma tão convincente, que quanto mais o filme se aproxima da realidade, mais a realidade procura aproximar-se do filme. Existiu sempre a tendência para imitar as estrelas de cinema, nomeadamente na forma como falam, se vestem ou se comportam. Estes fatores associados a uma maior divulgação dos filmes através da televisão por cabo, das antenas parabólicas, dos vídeo gravadores e os clubes de vídeo, deram origem a uma cultura cinematográfica que passou a fazer parte do quotidiano de cada um de nós. (MARQUES, Maria do Céu, 2005 pag, 199).

2.1. Análise do discurso da “Guerra ao Terror” do então presidente George W. Bush acerca do posicionamento tomado pelos EUA diante os atentados sofridos.

2.1.1 Os EUA e seu autodeclarado “inimigo”: o terrorismo

Posteriormente aos atentados, Bush ressaltou sobre as virtudes do povo estadunidense, contrapondo-as com as qualidades negativas dos terroristas. Por essa perspectiva, os ataques foram vistos como: atitudes desumanas e irracionais, que tinham como objetivo afetar os valores norte-americanos e confrontar os pressupostos da nação.

De acordo com Tatiane Teixeira (2007, p. 53):

Esse inimigo não se identifica com nenhum Estado, não tem território e não estabelece nenhum tipo de complementaridade econômica com seu adversário. Aceitar sua existência, nessas condições, significa entrar em uma guerra na qual os EUA definem, a cada momento e da forma mais conveniente, quem é e onde está o rival, perpetuando uma guerra que será mais extensa.

Pecequilo destaca a necessidade de haver uma declaração imediata de guerra: “a declaração imediata de guerra, a convocação de uma ampla aliança nacional e a identificação (e punição) dos responsáveis” (PECEQUILO, 2005, p. 375-376). Após os atentados, a população estadunidense uniu-se para realizar manifestações de repúdio ao terrorismo, deixando claro o sentimento de comoção e o fortalecimento do patriotismo norte-americano.

Nos discursos do então presidente Bush, foi reforçado os princípios do que é bom e mal na visão dos EUA. Desse modo, aqueles que são considerados “bons” são os que carregam e pregam os princípios estadunidenses e percebem a indispensabilidade de assegurar um mundo fleumático. Esses princípios seriam, por exemplo, o patriotismo, o sentimento de “heróis do mundo”.

Já o considerado mal se refere, através da visão norte-americana, aos terroristas. Nessa categoria, enquadra-se, portanto, “todo aquele que é apto a ameaçar os Estados Unidos e seus aliados”. Dentre essa diferença entre o bem e o mal, o presidente à época reforçou, em seu discurso, a questão da “guerra ao terror”:

Hoje, os perigos mais graves na guerra ao terror são aqueles que afrontam a América e o mundo, ou seja, os regimes fora da lei, nos quais eles procuram e possuem armas nucleares, químicas e biológicas. Esses regimes poderiam usar essas armas para chantagear, aterrorizar e praticar assassinatos em massa. Eles ainda poderiam ceder ou vender esses armamentos aos aliados dos terroristas, que poderiam usá-las sem a menor hesitação (BUSH, 2003).

A questão do sentimento criado como o “mal”, demonstra o entendimento maniqueísta, pois, se observa uma explicação completamente racional voltada para a violência. Dias após os ataques terroristas, Bush declarou guerra ao terrorismo e, nesse discurso, o então presidente salientou que essa guerra seria a luta entre “o mal”, “aqueles que governam através do medo”, e os que estão no lado do “bem”, ou seja, “aqueles que estão do lado da liberdade”.

Em 2003, George W. Bush caracterizou que a “guerra ao terror” estaria tecnicamente ligada aos Estados que são considerados, na visão dos EUA, os “foras da lei”. Nessa paridade apresentada pelo presidente estadunidense, pode-se considerar que, existia a façanha de alegar que havia a existência do bem e mal no confronto direto com a nação estadunidense contra os seus atuais inimigos. Esse parâmetro teria um propósito, o de asseverar o padrão considerado como o lado “bom” em relação a seu inimigo, que estaria agindo de modo irracional.

Com o decorrer dos acontecimentos, George W. Bush colocou em pauta as tomadas de decisões que o governo estadunidense exigiu em relação aos atentados por meio de frases como “os inimigos da liberdade efetuaram um ato de guerra contra os Estados Unidos” (BUSH, 2001, tradução nossa). Para o então presidente, os inimigos do povo – os terroristas – puseram a liberdade da população estadunidense em risco, por simplesmente não concordarem com a prática de proteção dos EUA. Com isso, o governo estadunidense respondeu de forma firme que iria “Lutar e ganhar essa guerra” (BUSH, 2001), assim, findando que o país estadunidense iria investir todo o seu poderio de comando militar e econômico para acabar com qualquer ameaça global que tivesse vínculo com o terrorismo.

De acordo com Hobsbawm (2007, p. 135), os ataques terroristas não atingiram as estruturas internas norte-americanas, porém, o governo estadunidense proclamou estado de emergência em todo o território nacional. Por meio desse decreto, ficou bem notável que, a situação na qual o país se encontrava era severamente crítica. Dessa forma, o poder Executivo teve de entrar em cena mais notoriamente, ao colocar em vigor novamente, por exemplo, a Lei de Emergências Nacionais de 1973, segundo a qual “quando se tem uma ameaça real que coloca em risco as práticas do governo, é necessário que providências sejam tomadas para que haja uma contenção da ação ameaçadora” (DAMIN, 2009, p. 68). Além disso, declarações do Congresso, como a aprovação do uso da força militar para o combate contra os autores causadores do 11 de Setembro, reforçaram cada vez mais que o poder Executivo, estava sendo um caminho progressivo para as tomadas de decisões dos EUA na situação de guerra que estava enfrentando (DAMIN, 2009, p. 69).

De acordo com Flint e Falah (2004), valores como liberdade, justiça e dignidade humana serviriam para inspirar a nova estratégia estadunidense. Assim, abre-se, nesse período, a oportunidade de pôr em prática o exercício cujas ações resultam, por exemplo, na formação de documentos do Conselho de Segurança Nacional da Casa Branca e na Guerra do Iraque em 2003. Nesse período também surgiu a oportunidade de pôr em prática ações como por exemplo: a formação de documentos do Conselho de Segurança Nacional da Casa Branca e na Guerra do Iraque em 2003. Em seu artigo "Guerra ao Terror: Aspectos ideológicos do contraterrorismo." de Frederico Costa e Rodrigo Wunder (2011, p. 22), exemplificam essas ações através do chamado Ato Patriota” no qual, foi o começo das tomadas de reação dos Estados Unidos frente ao seu combate com o terrorismo e ataques suicidas, que estavam ocorrendo após os ataques as Torres Gêmeas em Nova York. Em 2002, exatamente em outubro, o governo do atual presidente norte americano da época George W. Bush visando a melhoria da sua política externa, teve a aprovação para realizar a intervenção militar no

Iraque, essa, tinha como principal objetivo a busca pela defesa nacional dos Estados Unidos contra a sua atual ameaça no momento; os terroristas.

Fica evidente, após as declarações do governo Bush, que as medidas tomadas estariam deixando os Estados Unidos como ator principal no cenário internacional para a tomada de decisões que envolvessem o terrorismo. Os EUA de modo geral, sentiram-se desafiados depois dos atentados a combater esse mal, dessa forma, o país buscou realizar ações de cooperação com atores relevantes no Sistema Internacional, ações multilateralistas, intervencionistas e de cooperação estavam sendo extremamente cogitadas no momento.

Devido as ações do governo republicano, ficou notável nos discursos de Bush após os ataques que, a nação norte-americana estaria de certo modo, solicitando que as outras nações tomassem decisões em relação ao combate aos terroristas, ações essas que teriam dois rumos sendo esses: estarem juntamente com os Estados Unidos ou contra o país. Essa divisão entre o bem e o mal, abordada fortemente pelo então presidente estadunidense, segue em todos os seus discursos deixando clara a sensação autodefesa tanto em âmbito interno, quanto externo para combater ao terrorismo, entretanto, também como discurso de autodefesa, os Estados Unidos reafirmaram que haveria a possibilidade de agir unilateralmente quando necessário, mesmo que, através de intervenções e conflitos diretos – o que, em outras palavras, significa a mudança de regime por meio do uso da força (LIMA, 2005).

Dias após a tragédia do 11 de Setembro, as maiores comunidades globais deixaram transparecer, que estavam criando uma estratégia voltada para o combate ao ato terrorista. Na época, ficou evidente que os países passariam a colaborar com os Estados Unidos, em investigações que tinham como intuito, a captura de Osama Bin Laden e também combater todo a rede terrorista Al Qaeda, visando, tomar atitudes como: o bloqueio de redes financiadoras para esse tipo de ato antiestatal.

Com o decorrer das investigações, o que transparecia ser uma luta dos Estados Unidos contra o terrorismo, acabou se tornando uma verdadeira guerra, pois, o governo norte-americano, a comando do então presidente Bush, realizou um grande ataque militar ao Afeganistão. De acordo com a Casa Branca, o ataque foi realizado com o intuito de: “eliminar a rede terrorista comandada por Bin Laden (Al Qaeda)”. (KELLNER, 2003, p. 71, tradução nossa).

Partindo de tais, é notória a ampliação do sistema de controle e vigilância dos Estados Unidos em âmbito mundial. Para o combate às organizações terroristas, Bush (2001) instalou em mais de 60 países bases que tinham todos os seus focos voltados ao combate do terrorismo. Conforme Pecequillo (2013, p. 21), foram ações “[...] sistematizadas no Ato

Patriota (2001), lei de combate ao terror que permitia a prisão de suspeitos de ataques terroristas, espionagem de cidadãos, encarceramento sem direito a advogado [...]”.

Ações como essas geraram a autorização do uso da violência física, como o ato de tortura, por exemplo, que, pela perspectiva dos Estados Unidos, seriam praticadas mais duramente com prisioneiros, para que contribuíssem nas investigações e também no combate à afiliação de novas redes terroristas no momento. Assim como alegações de tortura, também emergiram na época escândalos envolvendo o governo americano em Guantánamo, Cuba, com denúncias que envolviam maus tratos a prisioneiros detidos nessa prisão. Ademais, ficou visível também, a presença de departamentos comandados pela CIA como, a representação interestatal dos Estados Unidos. Além disso, essas medidas resultaram também, nos memorandos internos autorizando a tortura, redefinida como práticas de interrogatório mais severas, e no caráter de prisioneiros, vistos não mais como soldados, mas, como combatentes inimigos, sem pátria, somente com afiliação de redes terroristas.

O maior receio cogitado na época da “Guerra ao Terror” seria a possibilidade de ocorrer o combate com a utilização de armamentos nucleares, químicos e biológicos, tanto por parte dos EUA, quanto pelo seu inimigo: os terroristas.

Os envolvidos poderiam usar do método da usurpação para amedrontar e praticar ações que resultariam em assassinatos em massa, dessa maneira o comércio de armamentos utilizados pelos terroristas causaria enormes consequências para o povo estadunidense (BUSH, 2003).

2.2. Posicionamento dos estúdios de Hollywood frente aos acontecimentos de 11 de Setembro

Nesse momento pós-atacados, os estúdios hollywoodianos começam a abordar fortemente como a nação norte-americana estava enfrentando os impactos causados pelos atentados, e, dessa maneira, ocorreu uma elevação de produções que envolviam principalmente o tema “Terrorismo”. De acordo com Valantin (2005, p.102) em Novembro de 2001 representantes de um dos maiores estúdios cinematográficos, Jack Valenti líder da Motion Picture Association of America se reuniu com o atual conselheiro político de George W, Bush na época, Karl Rove, para colocar em pauta questões entre a colaboração entre a política externa dos Estados Unidos com as produções cinematográficas hollywoodianas ou até mesmo como os estúdios de hollywood poderiam contribuir com o combate ao terrorismo.

Como representação desse marco histórico, algumas produções cinematográficas

foram realizadas como, por exemplo, os filmes; *A hora mais escura* (2013) e *Guerra ao Terror* (2009). Desse modo, o cinema serviu como um dos meios fortalecedores de “Soft Power”, com o intuito de destacar quais foram suas políticas aplicadas diante desse momento histórico por parte dos EUA e como foram reproduzidas por essas produções cinematográficas.

A imagem de terror dos atentados orquestrados conseguiu atingir uma repercussão mundial. A difusão das cenas de terror fizeram-se presentes em dramas e documentários de todos os meios de mídia, principalmente nos estúdios hollywoodianos, transmitindo a vulnerabilidade e os momentos de terror vividos pelos Estados Unidos como, por exemplo, os filmes; *United 93* (2006) e o *World Trade Center* (2006). Com a reprodução da imagem dos atentados em meios de comunicação de todo o mundo, criou-se uma onda de medo ao redor do globo, sobretudo por parte dos norte-americanos pode se notar através das produções de documentários como *Inside 9/11* (2005) e *Fahrenheit 09/11* (2004).

Assim, a indústria hollywoodiana começou a produzir em massa espetáculos cinematográficos que voltavam seu foco para o combate ao terrorismo como o documentário; *This is War* (2010). Porém, essas reproduções tinham uma imagem dramática, retratando os Estados Unidos como vítimas de uma catástrofe desumana e, ao mesmo tempo, como um herói que tem capacidade militar, econômica e política para combater quaisquer inimigos que ameacem a sua estabilidade como a maior superpotência mundial. Isso pode ser observado em filmes como; *Fomos Heróis* (Randall Wallace, 2002) no qual foi estrelado por Mel Gibson e tinha como principal foco a representação de como o exército americano estava dando o seu melhor para manter os demais cidadãos seguros.

É de se notar que os sentimentos como medo, sofrimento, solidariedade e comoção com as vítimas dos atentados de 11 de Setembro foram sentidos profundamente pelos cidadãos norte-americanos. Muitas pessoas revendo as imagens repetidas vezes dos aviões colidindo contra as torres e indivíduos desesperados nas janelas das torres minutos antes da queda do World Trade Center causaram efeitos consideravelmente relevantes nos cidadãos estadunidenses, de forma que o trauma e o medo foram expandidos em todo o país.

Programas de televisão, como o “You are there”, relatavam imagens que tocavam profundamente os estadunidenses, como as do momento da queda das torres, os seus destroços após a queda, os socorristas procurando por sobreviventes em meio aos destroços. Trata-se de imagens que ficaram marcadas agudamente em cada cidadão dos EUA que acompanhava o drama de perto e longe através dos meios de comunicação. Longas como *Fomos Heróis* (Randall Wallace, 2002) tiveram suas estreias adiantadas como modo de

fortificar a imagem de nação que estava vulnerável há ataques porem não deixava de combater e vencer os seu auto declarado inimigo; os terroristas.

No ano seguinte, em 2002, alguns documentários, como o “In Memoriam”, foram produzidos, relatando fatos reais vividos por jornalistas, videomakers e documentaristas que presenciaram os ataques de perto, arriscando suas vidas para reproduzir imagens que não foram reproduzidas por outros meios de comunicação.

As ideias que contornavam o 11 de setembro alcançaram um dos meios mais simbólicos culturalmente em no âmbito de comunicação do país: Hollywood. De acordo com John Belton (2005), através dos filmes cujo tema principal é a guerra, Hollywood consegue representar sentimentos de amor, ódio, patriotismo, dentre outros (BELTON, 2005).

Cabe ressaltar, entretanto, que os ataques de 11 de Setembro geraram repercussões não esperadas na realização de produções cinematográficas. Questões de estratégias de segurança, sofreram alterações complexas como, a doutrina da guerra preventiva, e chegaram aos estúdios cinematográficos vinculados diretamente com o governo dos Estados Unidos, pode-se citar como exemplo, as discussões que foram realizadas entre a Casa Branca e Bryce Zabe, atual representante da Academia de Artes e Ciência Cinematográficas em 2001, sobre como os estúdios de Hollywood colaborariam em conjunto com o governo norte americano a divulgar a imagem de como os norte americanos são e em quais fundamentos eles acreditam. (COOKE, 2007, p. 05).

É evidente que as produções hollywoodianas dominam economicamente o mercado mundial de cinema. Cooke (2007) afirma que uma das razões para esse fenômeno é o fato de que os estúdios produzem exatamente o que o seu público deseja, ou melhor, as produções são dependentes da natureza dos filmes, e isso possibilita que os seus espectadores consigam entrar em um mundo totalmente criado pelas produções. A sensação de entrada no mundo de fantasias possibilita, portanto, que o público consiga entrar em uma realidade criada pelos produtores de Hollywood. Para Nowell-Smith (1998, p. 12 apud COOKE, 2007, p. 04, tradução nossa), “Hollywood é o maior fabricante de fantasia e a sua força é incontestável”.

Depois desse empenho de demonstração do terrorismo por meios cinematográficos, um dos fatores que mais influenciaram nessa alta nas produções foi a declaração do então presidente George W Bush sobre a Guerra ao Terror. Essa doutrina impulsionou os espetáculos cinematográficos a realizarem uma reprodução das reais intenções norte-americanas no combate ao terrorismo, tendo como foco a demonstração da alta tecnologia utilizada para a criação dessas produções, pois, de modo geral, também seria uma visão de que o país estaria investindo em mecanismos sofisticados de segurança à nação, desse modo

podemos ver claramente a demonstração desses exemplos no longa; Guerra ao Terror (2009) no qual retrata exatamente a empreitada dos Estados Unidos na invasão do Iraque em 2003, utilizando principalmente de armamentos de alta tecnologia para combater os terroristas que ameaçavam a estabilidade dos cidadãos na cidade de Bagda.

3. As Relações Internacionais e o cinema, e os filmes "Guerra ao Terror" e "A Hora mais Escura".

Como relatado nas seções anteriores, os ataques terroristas ao World Trade Center acarretaram uma forte abordagem por parte dos estúdios hollywoodianos sobre o tema “terrorismo”. Nesta seção do artigo, serão abordados alguns filmes sobre os ataques de 11 de setembro, especificamente, e também acerca da importância do cinema para as Relações Internacionais, utilizando através de filmes como “A Hora mais Escura” e “Guerra ao Terror” para exemplificar essas possíveis implicações.

Primeiramente é importante destacar sobre a importância do cinema para o entendimento das relações internacionais. Para os autores Stefan Engert; Alexander Spencer:

Filmes ajudam os alunos de Relações Internacionais a aprender e melhorar seus conhecimentos sobre política internacional, pois constituem uma visão melhor do mundo (pag. 84, 2009).

Engert e Spencer também argumentam em seu artigo que os filmes em si conseguem fazer com que os estudantes de Relações Internacionais entendam através das imagens conceitos abstratos e teorias como, por exemplo, sobre a questão do terrorismo mais concretas, pois, através das imagens eles conseguem ver exatamente como essas questões nas quais os mesmos não estão familiarizados e como essas questões funcionam na prática. Assim entende-se que os estudantes de RI podem obter uma simulação com a dinâmica que determinado ator está fazendo e assim pode sofrer uma influência na sua tomada de decisão em situações mais complexas. (ENGERT, Stefan; SPENCER, Alexander, pag. 85, 2009).

Podemos verificar sobre essa questão também através do autor Kellner que informa em seu livro “A cultura da mídia: Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno” em que:

Numa cultura contemporânea dominada pela mídia, os meios dominantes de informação e entretenimento são uma fonte profunda e muitas vezes não percebidas de pedagogia cultural: contribuem para nos ensinar como nos comportar e o que pensar e sentir, em que acreditar o que temer e desejar e o que não. (KELLNER, Douglas, p 10, 2001).

Na teoria pos-estruturalista ou teoria pos-moderna, por exemplo, entende-se para o entendimento do mundo é necessário que haja uma conversa entre os agentes e a estrutura, ou seja, a realidade tem que ser entendida de dentro para fora, no entanto, na teoria pos-moderna tem-se varias interpretações da realidade e pode ter inumeras verdades desde que tenha uma interpretação discursiva entre agente e estrutura.

Tambem para a visão teorica pos-estruturalista de acordo com os autores Engert e Spencer:

Nao existe uma interpretação direta da realidade objetiva da historia de determinado evento, ou seja, a politica, ciencia politica, o mundo do cinema e a cultura popular nao existem sem uma ligação uns com os outros. (ENGERT, Stefan; SPENCER, Alexander, pag. 92, 2009).

Podemos exemplificar essa visão atraves dos diretores dos filmes, pois, para a criação de uma ficção é necessário que se tenha um conhecimento ideologico para reproduzir determinada situação que ja ocorreu ou ate mesmo algo ficticio, visto que a visão do que é “real” é completamente intertextual, ou seja, a representação de uma imagem na visão do diretor tende a representar adequadamente a sua visao do mundo, assim pode-se perceber que dentro da estrutura da imagem pode-se desenvolver uma variedade de perspectivas politicas e ideologicas. (ENGERT, Stefan; SPENCER, Alexander, pag. 92, 2009 tradução nossa).

3.1.1 Sinopse do filme A hora mais escura (Zero Dark Thirty).

O longa se passa contando sobre o contexto pós-ataques terroristas do 11 de Setembro de 2001. Após esse evento, teve início uma época turbulenta, que provocava medo e pânico na população norte-americana em relação ao seu autodeclarado inimigo, o terrorismo. Assim, todos os esforços que foram feitos tinham como objetivo a busca pelo líder da Al-Qaeda, Osama Bin Laden. A agente da CIA Maya, interpretada pela atriz Jessica Chastain, atua como uma das principais líderes da investigação para a captura de Bin Laden. Com isso, a agente participa da operação que comandou os militares estadunidenses na invasão do território paquistanês e na captura e assassinato do terrorista Osama Bin Laden.

O filme foi produzido pela diretora Kathryn Bigelow e teve seu lançamento no dia 15 de fevereiro de 2013. O longa tem duração de 2h29min e enquadra-se nos gêneros ação e suspense.

3.1.2 Sinopse do filme a Guerra ao terror (Hurt Locker).

“Guerra ao Terror”, como foi traduzido para o português, foi escrito Mark Boal e também contou com a direção de Kathryn Bigelow. O longa foi lançado no ano de 2009 e foi o filme mais premiado na cerimônia do “Oscar” de 2010. Conquistou seis estatuetas, sendo considerado melhor filme, melhor diretor, melhor edição, melhor som, melhor roteiro original e melhor edição de som. Além disso, o longa também recebeu prêmios como o do Globo de Ouro (2010).

O filme tem como objetivo a representação da realidade através da experiência do escritor Mark Boal no tempo que passou em Bagdá, no ano de 2004, quando trabalhou como jornalista acompanhando uma unidade de engenheiros que tinham como função neutralizar explosivos. O filme se passa o tempo todo mostrando a companhia denominada “Bravo” em momentos de tensão na capital iraquiana, onde se conta a história do contexto pós-ataques do 11 de Setembro, em meio à Guerra ao Terror declarada pelo então presidente Bush.

3.1.3. Dois pressupostos do 11 de Setembro de acordo com Barry Buzan, analisados através dos filmes “A Hora mais Escura e Guerra ao Terror (2002).

De acordo com Buzan em seu artigo “As Implicações do 11 de Setembro para o Estudo das Relações Internacionais” (2002, p. 235), há dois pressupostos específicos para a análise do 11 de Setembro. O primeiro tópico, conforme o autor seria a preocupação em relação ao aumento de armamentos explosivos, ou seja, armas de destruição no âmbito internacional, ressaltando que essas armas poderiam ser usadas para fins legítimos, mas, também, para a destruição em massa. Para ficar evidente essa parte, nos filmes “Guerra ao Terror” e “A hora mais Escura”, tem-se uma grande demonstração do alto desenvolvimento tecnológico tanto por parte dos Estados Unidos para a realização da invasão no Iraque, como por parte dos terroristas, bem mais equipados do que quando tinha ocorrido os ataques do 11 de Setembro.

No filme “Guerra ao Terror”, à história se passa basicamente demonstrando a chamada: “companhia bravo”, cuja sua missão era: o desamamento de fragmentos explosivos colocados na capital iraquiana por terroristas. Esses armamentos explosivos tinham como intuito intimidar os soldados norte-americanos que tinham invadido seu país, ou seja, atuavam como um modo de demonstração de revolta por essa afronta à soberania Iraquiana. Por parte dos EUA, entretanto, essa invasão teria como objetivo a reestruturação da paz e a segurança do país do Oriente Médio.

O segundo pressuposto, de acordo com Buzan, seria a preocupação com a proliferação de indústrias que produziam armamentos nucleares, químicos e biotecnológicos. Assim, a preocupação estadunidense estava focada na expansão desses elementos fora de organizações terroristas internacionais. Desse modo, é evidente essa preocupação no filme “A hora mais escura”, onde o comandante das operações de caçada a Osama Bin Laden menciona, no meio do longa, argumenta que uma das principais preocupações de agora em diante dos Estados Unidos seria investigar sobre os supostos rumores em relação a fabricação de armas químicas por organizações terroristas, como a Al-Qaeda, cujo objetivo seria o ataque as grandes cidades do mundo, principalmente nos Estados Unidos.

3.1.4 Análise do Filme “A hora mais Escura”.

Uma importante visão a ser destacada principalmente no longa “A Hora mais Escura” é a importância da presença da mulher frente a uma missão extremamente importante realizada pelos Estados Unidos; a captura e execução de Osama Bin Laden.

No filme “A hora mais escura”, se tem uma presença fortíssima da representação das mulheres como, a agente Maya da CIA, que teve sucesso na missão designada para ela na qual, tinha o objetivo de encontrar a localização do terrorista Osama Bin Laden após os ataques do 11 de Setembro de 2001. Nesse sentido, a agente Maya, interpretada pela atriz Jessica Chastain, consegue demonstrar a força da mulher na sua missão. Pode-se observar em alguns momentos críticos no filme, como na parte em que o agente Dan (Jason Clark) deixa a investigação, pois, não suportava mais a pressão e o desgaste psicológico por parte de seus comandantes, no entanto, a sua companheira de caso a agente Maya continuou com as investigações, mesmo passando pelas mesmas situações de seu parceiro. A persistência da agente Maya é evidente no longa, depois que seu amigo e parceiro de trabalho a abandona a mesma acaba tomando a frente nas investigações ou seja pode-se ver claramente que nesse momento foi dada a oportunidade para que a mesma conseguisse ter mais liberdade para comandar as investigações por causa do seu novo cargo.

Com o novo cargo designado a Maya a mesma consegue fazer fluir as investigações do rastreio de Bin Laden, assim durante o longa praticamente no final para ser exato, a agente em uma reunião com seus superiores mostra que conseguiu descobrir o atual esconderijo de Osama, no entanto, fica evidente na cena que Maya é a única representante mulher da investigação e que a mesma não tem o total apoio dos seus companheiros de serviço pois os mesmos alegam que a agente não teria 100% de certeza se aquele local seria exatamente onde

estaria o terrorista porem anteriormente a agente realizou uma investigação extremamente cautelosa sobre as pessoas que estavam no esconderijo e teve a certeza que uma delas seria Laden, com muita insistência da mesma ela consegue a aprovação de seus superiores e tem a liberação para participar da missão que teve a captura e execução de Bin Laden.

3.1.5 Analise do filme “Guerra ao Terror”.

O filme Hurt Locker ou como traduzido em português “Guerra ao Terror” se passa todo o momento mostrando através das cenas como o exercito estadunidense estava praticando suas ações na invasão no Iraque após os atentados de 11 de Setembro de 2001. É necessário evidenciar sobre algumas partes do longa que, demonstram a preparação que os Estados Unidos fizeram para realizar tal feito, podemos destacar como exemplos as cenas nas quais a “companhia bravo” utiliza de especialistas para realizar o desarme de fragmentos explosivos que ameaçavam os cidadãos de bem na cidade de Bagda. Alem de especialistas em desarme de fragmentos explosivos, é mostrado nas primeiras cenas do filme a utilização de equipamentos de alta tecnologia como, por exemplo: o robô que identificou e retirou o explosivo do meio dos lixos, essas tecnologias auxiliaram a “companhia bravo” a realizar a sua missão com sucesso.

No longa, também fica evidente, como os soldados estadunidenses são extremamente treinados, em uma das cenas do filme, soldados da companhia bravo foram surpreendidos por terroristas enquanto passavam pelo deserto, diante daquela cena fica claro que os soldados mesmo que sem os equipamentos necessários conseguiram executar os terroristas que tinham os surpreendidos.

Nas ultimas cenas do filme, é notório sobre como os soldados americanos são apaixonados pela nação, pois, mesmo depois que a missão da “companhia bravo” estava finalizada, um de seus soldados retornaram para o Iraque para continuar a ajudar os seus companheiros que ainda estavam na luta contra os auto declarados inimigos estadunidenses: os terroristas, o sentimento patriota dos soldados fica evidente em todo o longa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo teve como o intuito, a demonstração das mudanças sofridas nos âmbitos da politica, economia e militar dos Estados Unidos no pós 11 de Setembro focando

principalmente nos meios de comunicação do país em si porém, tendo como destaque as produções dos estúdios de Hollywood produzidas após os ataques terroristas.

Nesse artigo ficou bastante evidente a demonstração da influencia que a cultura da mídia norte americana exerce no sistema internacional e como conclusão destaco exatamente essa questão, pois, fica evidente não somente nessa época dos acontecimentos do 11 de Setembro mas ate nos dias atuais como os Estados Unidos trabalha constantemente através da reprodução midiática a sua imagem de “protetor da pátria e do mundo “. Os estúdios hollywoodianos são claramente o maior meio de produção dessa imagem, na qual, em todas as suas produções fica claramente evidente que os Estados Unidos têm capacidade militar, econômica e política para exercer a sua “auto determinada” função que seria o protetor da sua pátria e salvador das nações. As produções constantes da imagem de “país perfeito para se viver” fica tão evidente em suas produções que, querendo ou não acaba exercendo uma influencia nas populações externas ao seu território que acabam ditando como as outras nações devem fazer que a sua população seguisse o “American Way of Life”, ou seja, o estilo de vida americano, e isso acarreta em uma influencia tão grande, que os Estados Unidos consegue com êxito ser visto externamente como o próprio país deseja.

Pode ser visto claramente no artigo a grande empreitada de combate ao terrorismo que os Estados Unidos realizou apos os atentados do 11 de Setembro de 2001, fica bastante evidente que um dos principais modos desse combate foi utilizando exatamente os estúdios de produções cinematográficas de Hollywood como principal produtor de Soft Power para garantir que a imagem dos Estados Unidos não fosse abalada pelos ataques terroristas sofridos. Podemos ver nitidamente essa demonstração de manutenção da imagem de “nação protetora” nos longas citados anteriormente na sessão 3, primeiramente o longa A Hora mais Escura visa empreitar a grande corrida que os Estados Unidos teve para alcançar e executar o principal causador da tragédia do 11 de Setembro de 2001 ; Osama Bin Laden , fica evidente no longa, que os Estados Unidos estava utilizando de todos os seus meios possíveis tanto militar quanto econômico para conseguir atingir seu objetivo de eliminar Bin Laden com isso, obtendo êxito em sua missão o país norte americano acabou demonstrando para o grupo terrorista Al Qaeda e também para outros grupos terroristas que poderiam ameaçar a sua nação, que o país estaria daquele momento para frente disposto a combater de todas as formas quem o ameaçasse. Também é necessário relatar sobre o filme Guerra ao Terror que demonstra exatamente a invasão dos Estados Unidos no Iraque para combater grupos terroristas, fica evidente no longa que o exercito americano que realizou a invasão no país do Oriente Medio estava extremamente armados pois, caso acontecesse algum conflito eles

estariam preparados no momento ou seja, mais uma vez os Estados Unidos estava demonstrando através do cinema a sua capacidade militar de combater qualquer tipo de ameaça terrorista que poderia surgir.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Rubens Antônio. Os Estados Unidos pós 11 de setembro de 2001: implicações para a ordem mundial e para o Brasil. **Revista Brasileira de Política Internacional**, [s.l.], v. 45, n. 1, p.72-91, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73292002000100003>. Acesso em: 12 abr. 2018.

BELTON, John. **American Cinema/American Culture**. 2. ed. New York: McGraw-hill, 2005.

BURKE Jason. Al Qaeda. **Foreign Policy** (142), 18-26, 2004. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/4147572> doi:1> Acesso em: 13 mai. 2016.

BUSH, George W. Address to a Joint Session of Congress and the American People. **The White House Archives**, 09-20, 2001. Disponível em: <<http://georgewbushwhitehouse.archives.gov/news/releases/2001/09/20010920-8.html>>. Acesso em: 12 abr. 2018.

BUSH, George W. Text of Bush's act of War Statement. **The Washington Post**, 09 dez. 2001. Disponível em: <http://www.washingtonpost.com/wp srv/nation/specials/attacked/transcripts/bushaddress_092001.html>. Acesso em: 14 abr. 2018

BUZAN, Barry. As implicações do 11 de Setembro para o estudo das relações internacionais. **Contexto int.** [online]. 2002, vol. 24, n. 2, p.233-265. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-85292002000200001&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 12 abr. 2018.

CAMPEDELLI, André Collins. **Terrorismo, libertação nacional e proibição de ataques contra civis: cláusulas de exclusão de aplicação da convenção ampla sobre terrorismo das Nações Unidas**. 2011. 85 f. TCC (Graduação) - Curso de Direito, Universidade de Brasília, Rio de Janeiro, 2011.

COSTA, Frederico ; WUNDER, Rodrigo : **Guerra ao Terror** : Aspectos ideológicos do contraterrorismo. (2011, p. 22) , Aurora, ano V número 7 – Janeiro de 2011.

COOKE, Paul. Introduction: **World Cinema's 'Dialogues' with Hollywood**. In: COOKE, Paul. *World Cinema's 'Dialogues' with Hollywood*. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2007. Cap. 0. p. 1-16.

CULL, Nicholas J.; CULBERT, David; WELCH, David. **Propaganda and Mass Persuasion: A Historical Encyclopedia, 1500 to the Present**. Santa Barbara, Denver, Oxford: Abc Clio, 2003.

DAMIN, Cláudio Júnior. **Democracia e Poderes Emergenciais**: o caso da “guerra contra o terrorismo” nos Estados Unidos. 2009. 129 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Ciência Política, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/21580?locale=pt_BR>. Acesso em 12 abr. 2018

DUNNE, Tim; KURKI Milja; SMITH Steve: **International Relations Theories discipline and diversity**, Third edition, Oxford University press, 2013.

EYBEN Rosalind. Dando suporte às trilhas do empoderamento de mulheres: Um breve guia para as agências internacionais de desenvolvimento. **Revista Feminismos**, vol. 1, n. 2, Mai.-Ago. 2013.

ENGERT, Stefan; SPENCER, Alexander: **International Relations at the Movies: Teaching and Learning about International Politics through Film**, pag: 83-103, 2009, Central and Eastern European Online Library.

FLINT, Colin; FALAH, Ghazi-Walid. **How the United States justified its war on terrorism: prime morality and the construction of a 'just war' author**. *Third World Quarterly*, v. 25, n. 8, p. 1379-1399, 2004.

FLEMES, Daniel; NOLTE, Detlef. **Regional Leadership in the Global System**: ideas, interests and strategies of regional powers. Surrey: Ashgate, 2010.

FALCÃO Negro em Perigo. Direção de Ridley Scott. Roteiro: Ken Nolan, Steven Zaillian. [s.i.]: Sony Pictures, 2002. (152 min.), son., color. Legendado.

FOMOS Heróis. Direção de Randall Wallace. Roteiro: Randall Wallace. [s.i.]: Paramount Pictures, 2002. (149 min.), son., color. Legendado.

GUERRA ao terror. Direção de Kathryn Bigelow. EUA, 2008. (204 min.), P&B. GUERRA AO TERROR (HURT LOCKER) Direção: Kathryn Bigelow. Gênero: Guerra. Distribuição: Imagem Filmes, EUA, 2010.

HOBBSAWN, Eric. **Globalização, democracia e terrorismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

INÁCIO, Ana Rita Justino. **A cobertura mediática de Donald Trump no Observador: Os temas mais mediáticos**. Relatório de Estágio do Mestrado em Jornalismo. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2017.

IN MEMORIAM: New York City. S.i.: Brad Grey Pictures; Hbo, 2002. P&B. Documentário para TV.

JACKSON, Robert; SORENSEN Georg: **Introduction to International Relations Eherories and Approaches**, Fifth edition, Oxford University press, 2013.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia: Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru: Edusc, 2001, tradução de Ivone Castilho Benedetti.

KELLNER, Douglas. **From 9/11 to Terror War: The Dangers of the Bush Legacy**. Oxford: Rowman & Littlefield Publishers, 2003.

KELLNER, Douglas. **Cinema Wars: Hollywood film and Politics in the Bush-Cheney era**. Londres: A John Wiley & Sons Blackwell, 2010.

KELNNER, Douglas. Media Culture and the Triumph of the Spectacle. In: KING, Geoff. **The Spectacle of the Real: From Hollywood to 'Reality' TV and Beyond**. Bristol: Intellect Books, 2005.

KELLNER, Douglas. **From 9/11 to Terror War: The Dangers of the Bush Legacy**. Oxford: Rowman & Littlefield Publishers, 2003.

KEOHANE, Robert.O ; NYE Joseph.S: **Power and Interdependence International Organization**, Vol. 41, No. 4 (Autumn, 1987), pp. 725-753 Disponível em <http://www.ri.ie.ufrj.br/intranet/arquivos/power_and_interdependece.pdf > Acessado em 17/06/2018

LEBEL, Jean-Patrick. **Cinema e ideologia**. Lisboa: Estampa, 1972.

LEITE, Lucas Amaral Batista. George W. Bush e a construção do inimigo na guerra ao terror. **Fronteira**, Belo Horizonte, v. 8, n. 16, p. 27-59, 2009.

LIMA, Leonardo Perez. **Terrorismo, doutrina Bush e a estabilidade do sistema internacional**. **Fronteira**, Belo Horizonte, v. 4, n. 7, p. 109-131, jun. 2005

MARQUES, Maria do Céu. **Hollywood e a Globalização**. Universidade Aberta, Piauí, p.195-202, 2005.

MOREIRA JUNIOR, Hermes. **Inovação, competição Internacional e Transição Hegemônica: A Política científico-tecnológica dos Estados Unidos para evitar o declínio no século XXI**. 2015. 167 f. Monografia (Especialização) - Curso de Relações Internacionais, UNESP, Unicamp e PUC- SP, São Paulo, 2015. Cap. 4.

NYE, Joseph S. **Soft Power: The means to success in world politics**. New York: Public affairs, 2005.

NYE, Joseph. **Soft Power: The means to success in world politics**. New York: Public Affairs, 2009.

NYE, Joseph. **The Paradox of American Power**. New York: Oxford University Press, 2002.

NYE, Joseph. **Bound to Lead: The Changing Nature of American Power**. New York: Basic Books, 1990.

OURIVEIS, Maíra. Soft Power e a Indústria Cultural: A Política Externa Norte-Americana presente no cotidiano do indivíduo. **Revista Acadêmica de Relações Internacionais**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 168-196, 2013.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. **A política externa dos Estados Unidos: continuidade ou mudança?** 2ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. **Os Estados Unidos e o Século XXI**. São Paulo: Elsevier Editora Ltda., 2013.

ROXO, Eduarda Silva. **E.U.A. e Hollywood: O Desejo da Projeção Global**. 2006. 183 f. Tese (Mestrado) - Curso de Relações Internacionais, Universidade Aberta Lisboa, Lisboa, 2006. Cap. 2.

SANTANA, Carolina Nascimento. **Hollywood e a Guerra ao Terror: O papel do cinema no imediato pós 11 de Setembro**. 2015. 68 f. TCC (Graduação) - Curso de Relações Internacionais, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

SPINI, Ana Paula. Mito da guerra nos Estados Unidos. **Recôncavo: Revista de História da Uniabeu**, Uberlândia, p.44-67, 2011.

TRUNKOS, Judith. **What is soft power capability how does it impact foreign policy?** Tese (Doutorado) - Curso de International Relations, University Of Southern California, Santa Barbara, 2013.

TEIXEIRA, Tatiane. **Os think tanks e sua influência na política externa dos EUA**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

VALANTIN, Jean-michel. **Hollywood, The Pentagon and Washington: The Movies and National Security from World War II to the Present Day**. London: Anthen Press, 2005

VIRILIO, Paul. **Guerra e cinema: Logística da percepção**. São Paulo: Boitempo, 2005. 200 p.

WARDLAW, Grant. *Political Terrorism: heory, Tactics and Counter-measures*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.